



A TORRE DOS VENTOS — EM ATHENAS.

A TORRE dos ventos é um pequeno edificio de marmore branco, de fórma octogonal, situado ao norte, e a pouca distancia do cidadella de Athenas. Tem de diametro perto de 32 palmos (8 metros). Em cada uma das faces, e na parte superior está uma figura esculpida, que representa um dos ventos principaes. Vitruvio e Varrão dão o nome do architecto que construiu este singular monumento: chamava-se elle Andronicus Cyrrestes.

Sobre este edificio, que termina em cupula, existia um tritão de bronze, que, virando-se, segundo o capricho do vento, que soprava, o indicava sempre com uma varinha que tinha na mão.

Por baixo de cada um dos ventos, tinha-se traçado um quadrante solar. Resulta, tanto da disposição do do sul, como da dos de leste e do oeste, que a torre está perfeitamente orientada. Em fim um clepsydro ou relógio de agua, collocado no interior, substitua os de sol, quando estes não podiam servir. D'esta maneira o edificio indicava aos habitantes de Athenas não sómente a direcção dos ventos, mas tambem as horas, por meio dos quadrantes nos dias de sol, ou por via do clepsydro depois de noute, ou em dias cobertos.

Ha vestigios d'este relógio de agua, e existe ain-

da um pequeno aqueducto que para elle conduzia as aguas de uma corrente chamada na antiguidade Clepsydra, e que está situada sobre a ialda septentrional dos rochedos de Acropolis, ou cidadella de Athenas. É preciso dizer que esta torre ficava proxima da praça publica.

É o unico monumento antigo d'esta natureza que se tenha conservado, e digno a todos os respeito de curiosidade, assim pelo fim a que se destinava, como pela sua architectura.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

II.

Arrayolos, sua etymologia.

MAS ahí vejo eu surgir um milhão de objecções contra a antiguidade, e por tanto contra a nobreza da minha patria. Parece-me estar ouvindo que embora houvesse a povoação antiga de *Calantica*, embora fosse fundada por celtas ou romanos, nada d'isso pôde aproveitar a *Arrayolos*, que nem em lugar, nem em tempo se continúa com *Calantica*; e nem pôde

por conseguinte habilitar-se por herdeira dos pergaminhos e privilegios de sua antiguidade e nobreza.

A isto respondo com o padre Antonio de Carvalho da Costa, na *Corographia Portugueza* (tom. 2.^o pag. 525) e com o padre Luiz Cardozo, no *Diccionario Geographico* (tom. 1.^o pag. 590) que alguns, (posto que não digam quaes) trazem a origem d'esta povoação do tempo dos sabinos, tusculanos, e albanos, que occuparam antes de Sertorio a cidade de Evora, e deram o governo de Arrayolos ao capitão *Rayeo*, nome grego; e d'este nome *Rayeo* se foi denominando *Rayolis*, corrupto hoje em *Arrayolos*. E reforçar-me-hei, sendo necessario, com o padre Fr. Henrique de Santo Antonio, na *Chronica dos Eremitas da Serra d'Ossa*, mais sabedor de etymologias gregas, que se inclina a que do capitão *Rayeo* se chamasse a povoação *Raycopolis*, e d'ahi por linha recta venha *Arrayolos*.

Sendo isto assim, não carece *Arrayolos* de ir prender sua genealogia nem em celtas, nem em romanos; sobra-lhe excellencia e nobreza com a origem grega, comprovada pela etymologia do seu nome, e confirmada (segundo a opinião do citado auctor da *Corographia Portugueza*) pela cabeça que existia em uma das torres do castello, a qual posto que já não exista hoje por causa da ruina da torre, fica todavia supprida por outra semelhante collocada sobre a porta da entrada dos paços do concelho. De mais a mais o estandarte da camara a usa no reverso das quinas reaes, como brazão da villa, representando cabeça de mouro (1).

Ora não ha cousa mais natural do que uma cabeça de mouro confirmar uma etymologia grega!

Grego me vejo eu com todos estes etymologistas, chronistas e geographos; e por isso passemos adiante.

(Continúa.)

J. H. DA CUNHA RIVARA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV.

I.

ARISTOTELES, tres seculos e meio A. C., ainda termina ao occidente o seu mappa-mundi com o Tartessus, ou Guadalquivir. Falla, ou alguém com o seu nome, de uma ilha *deserta*, descoberta pelos cartaginezes a muitos dias de viagem da costa, que por sua fertilidade lhes veiu a attrahir a emigração, que o senado defendeu por fim. A isto se reduzem todas as confuzas, e mesmo arbitrarías noticias, que o grande philosopho de Stagira tinha da terra e oceano occidental, que n'outra parte julga innavegavel, pela sua pouca profundidade e lodo. O sr. Costa de Macedo demonstrou, que esta noção attribuida a Aristoteles de nenhum modo podia importar idéa de alguma das Canarias, porque não restam vestigios de que nem mesmo os cartaginezes as conhecessem, antes de Juba. Heraclito, de Ponto, e Diocareo, discipulos de Aristoteles, nada acrescentam aos conhecimentos geographicos de seu mestre.

(1) Uma cabeça em forma de esphera diz Carvalho da Costa, e os mais, que o copiaram. Era sem duvida a cabeça de mouro, usada no brazão da villa, mas que carcomida pelos seculos, e collocada em grande altura figurava a forma de esphera. E nem ainda assim se pôde atinar qual seja a relação entre a forma de esphera e o capitão *Rayeo*.

Alexandre Magno, o heroe de Macedonia, nascido em Pella 336 annos A. C., preparou com suas ousadas expedições, nova e mais correcta geographia do oriente. Os soldados, que o acompanhavam á Asia, cansados já de combater indios, e aterrados com a idéa de novas conquistas em que o rei queria proseguir, levantaram gritos sediciosos contra elle, dizendo, que tantos trabalhos só eram por buscar e abrir caminho para o oceano. E accrescentavam: que recompensa nos espera quando mesmo o consigamos? *Quod pramium ipsos manere?* A resposta que a si mesmos davam, e que Quinto-Curcio (IX, 4) nos conservou, é significativa, e revela as idéas do tempo, e o estado da sciencia — *Caliginem, ac tenebras, et perpetuam noctem profundo incubantem; repletum immanium belluarum gregibus fretum: immobiles undas, in quibus emoriens natura defecerit.* — Nevoeiros, trévas, noute perpetua, que cobre a face dos abysmos, mar cheio de monstros horriveis, aguas immoveis, que attestavam a extincção da natureza agonisante! Tal era a idéa que formavam do oceano, e possibilidade de sua navegação.

Pytheas, de Marselha, no seculo de Alexandre, fez duas viagens ao norte, saíndo pelo estreito, e seguindo as costas da Europa. Os seus conhecimentos sobre o nosso ponto nada adiantam.

Eratosthenes, de Cyrene, dous seculos e meio A. C., querendo reduzir a systema as passadas noções geographicas, demora-se sobre tudo na geographia da Asia oriental. Do oceano e costas occidentaes da Europa nada sabia senão pela relação de Pytheas. O cabo Sacro na Iberia é o termo dos conhecimentos positivos que sobre a Europa occidental pode adquirir. Dizia, entretanto, que se a grande extensão do Atlantico não fôra um obstaculo, poder-se-ia ir da Iberia á India. Não conhece no mar exterior outras ilhas mais do que *Albion* entre 50^o e 60^o, e *Thule* ahi por 65^o latitude norte, além de *Basilica* qua et *Baltia* no oceano septentrional.

Polybio, de Megalopolis na Arcadia, quasi dous seculos A. C., conheceu um pouco das costas occidentaes de Africa, mas não assim do alto mar exterior e suas ilhas. Scipião Emiliano, general que sujeitou Carthago ao poder romano, para se assegurar melhor a victoria, mandou Polybio á frente de frota consideravel correr a costa occidental de Africa, e destruir n'ella as colonias e estabelecimentos dos vencidos. No periplo que escreveu d'esta viagem não mostra saber, nem ter alcançado mais do que os precedentes.

Eudoxo, seculo e meio A. C., diz-se, que tentou a navegação do Egypto para a India, e o contorno de Africa pelo oeste. Não nos resta porém detalhe por que ajuizar dos progressos d'estas viagens, mas tudo induz a crer que as empresas de Eudoxo não fizeram dar passo á sciencia, nem accrescentar os conhecimentos, que então havia sobre o mar occidental.

Hipparco, de Nicea, na Bithynia, mais de um seculo A. C., succede no intento de Eratosthenes. Trabalha na geographia mathematica: mostra que o cabo Guardafui é por este lado o limite das descobertas de seus contemporaneos. Das partes occidentaes e septentrionaes da Europa, e do mar Atlantico, não sabe mais do que Pytheas, cuja relação segue e adopta.

Posidonio, um seculo A. C., levou a escola de Alexandria a mudar a graduação das cartas de Eratosthenes. Adoptou a fabula platonica da *Atlantida*, que um tremor de terra submergira e fizera desaparecer, sem dar por si e por este facto nenhuma nova auctoridade, e nenhum proprio raciocinio, as-

sente em observações e dados positivos. E da historia e existencia do mar occidental, que julga innavegavel, é quanto ao todo mostra saber.

Sertorio, cerca de meio seculo A. C., quando fugia ás armas de Sylla, passava o estreito com a frota que commandava, e vinha abordar em Hespanha a cima das bôcas do *Betis* (Guadalquivir): ali soube (segundo conta Plutarcho *in Sertorio*) por navegantes recémchegados de duas ilhas *atlanticas*, o caminho que havia a seguir para lá ir, e dizem que se a morte lh'o não viera embargar, ter-se-ia retirado, como resolvêra, a disfructar n'ellas a paz. Cumpre porém advertir, que inda estas ilhas não eram terras geographicas, mas mythologicas, e merecem tanto credito como os sessenta covados da estatura de Antheo, de que se falla a par. Isto nasceu, (segundo Strabão) de ter servido de texto a Sallustio e Plutarcho um grande patranheiro como Gabinio.

Stacio Seboso, vinte annos depois de Sertorio, tentou publicar todas as descobertas anteriores; mas procurando combinar e pôr de acôrdo muitos itinerarios, commetteu enormissimos erros, que por mais de quatorze seculos influiram na descripção das costas occidentaes de Africa. Além de sete das ilhas Canárias (*Fortunadas*) de cuja existencia, segundo as deducções de Gosselin, acceitas pelo sr. Costa de Macedo, parece ter tido conhecimento, nada sabia de outras ilhas, nem do alto mar Atlantico, que tinha por innavegavel.

Strabão, menos de meio seculo A. C., mostra conhecer em detalhe a Grecia e Asia menor, mas pouco e rapidamente os outros paizes. Na sua Europa falla d'algumas ilhas proximas das costas, *Fortunadas*, *Atlantida*, *Cassiterides*, etc.; mas não penetra, nem descortina cousa alguma no mais alto oceano, que considera innavegavel, pela sua grandeza e solidão. No seu systema geographico conhece no Atlantico septentrional as ilhas *Albion* ou *Britaniké* entre 40° e 50°, e *Ierne*, pequena ilha entre 50° e 55° latitude norte; mas como os gregos seus compatriotas as conhece tão mal, que diz não valerem a pena da conquista. No tumultuario systema d'esses geographos antigos, as ilhas *Cassiterides* (Sorlingas) pouco distavam de Hespanha!

Só alguns annos A. C. duas das expedições de Cezar puderam fazer conhecida no continente uma das extremidades da Grã-Bretanha.

Por o mesmo tempo Juba, o moço, rei da Mauritania, tambem descobriu ilhas em frente da costa africana, mas com individuação só as duas mais ao nordeste do grupo das Canárias, a ambas as quaes chamava *Purpurarias*, e n'ellas talvez teve alguns estabelecimentos de pouca duração. Mas não obstante cultivar muito a geographia, e dizer-se geralmente, que tinha para isso provada tendencia, Juba não mostrou ter a menor noção real d'outras ilhas em mais alto mar Atlantico.

Seneca, o *Rhetorico*, nascido em Cordova, tres annos depois de Christo, tinha a opinião de que o oceano não era navegavel, por causa de sua grande estensão, grande profundidade, figuras novas e horri- veis, e monstros que nutria em seus abyssos. — *Oceanus navigari non potest* — diz, e ás razões que d'isso dá, ainda accrescenta — *Confusa lux, alta caligine et interceptus tenebris dies*. — (SUSORIA I.) Esta idéa de mar tenebroso era commum em tempo de gregos e romanos. D'elles a adoptaram os arabes, como teremos occasião de ver.

Pomponio Mela, contemporaneo da conquista da Grã-Bretanha pelo imperador Claudio, mais de meio seculo da E. C., só de longe e mui vagamente ou- via os nomes das ilhas *Orcades*, e *Umodé*, tão fra-

cas eram as noções que ainda no seu tempo havia de terras oceanicas.

Plinio, no primeiro seculo christão, fez-se sem nenhuma critica compilador de noções geographicas. Falla na *Atlantida* de Platão, e diz que, a ser crível o que este escrevêra, tinha desaparecido. Falla ainda n'outra *Atlantida* a cinco dias de viagem do promontorio do poente (cabo Não) em frente do monte Atlas. Mas n'estas noticias confusas não ha nem sombra de criterio. Se os cartaginezes tivessem conhecido alguma ilha ou ilhas fronteiras a Africa, o caminho para ellas ficára perdido para os conquistadores, que depois em Juba II tiveram de renovar a descoberta d'essas ilhas. Plinio, fallando de uma *Atlantida* n'esta latitude, parece denunciar que ignorava as explorações do rei da Mauritania, e continuava na senda de antigas fabulas; o que não admira, quando as descobertas careciam de muito tempo para se vulgarisarem, e então os conhecimentos sobre ilhas e alto mar Atlantico eram tão limitados, deficientes e imperfeitos, que nem porque o naturalista já mostra saber das ilhas *Hoebudes*, mesmo trinta annos depois da conquista das ilhas Britannicas pelos romanos, conhecia tão pouco estas, que não ousou descrevel-as. Se assim era de terras proximas ao continente, e recentemente conquistadas, qual não seria a ignorancia de então a respeito de terras mais distantes, e de mais altos mares, que o mesmo Plinio julgava innavegaveis pela sua immobildade?

Marino de Tyro, mais de um seculo depois de Christo, no oceano occidental nada conhece no seu systema geographico além do meridiano das ilhas *Fortunadas*, que aponta em numero de seis. Na parte septentrional faz menção das ilhas *Albion*, *Hibernia*, *Cimbrica* (Chersoneso?) *Thule* e *Scandia*.

Claudio Ptolomeu, que floresceu em fins do 2.º seculo, nas suas Taboas não adianta mais do que os precedentes, sobre o ponto que é objecto d'esta discussão. No capitulo V põe, como ilha adjacente á Lusitania, e um pouco mais ao sul da embocadura do Tejo, a ilha *Londobrics* (Berlengas), e no capitulo VI, como adjacentes á provincia Tarraconense, as tres ilhas *Scopuli trilenci* no oceano Cantabrico; *Cassiterides*, em numero de dez, no oceano occidental, em frente do oceano Cantabrico; e duas ilhas em frente de Cepori, ditas *Dcorum*. Conhece nos mesmos mares as *Britannica Insula*, onde a Hibernia faz ilha separada de Albion, ambas entre 52° e 62° latitude norte; *Thule* por 62°; *Scandia Ins.* entre 58° e 60° do oceano septentrional; e entre Albion e Belgica a pequena ilha *Vectis*. Das *Fortunadas*, entre 10° e 20° latitude norte, conhece e nomêa sete, debaixo de nomes, que induzem a crer que era do grupo das Canárias que tratava. No alto mar Atlantico, especialmente pela altura do archipelago dos Açores, a carta de Ptolomeu é limpa e despovoada. Finalmente Ptolomeu, que veio tres seculos depois de Polybio, nem assim adiantou mais do que este, mesmo a despeito do vão apparatus de suas Taboas.

Julio Solino, por meiado do 3.º seculo da era vulgar, na sua obra: *De situ orbis terrarum et de singulis mirabilibus quæ in mundo habentur*, falla sem nenhum accrescentamento nem novidade, sómente das ilhas *Fortunadas* e *Gorgades*. Traz a fabula da *Atlantida* e Atlantes, mas não tem o menor conhecimento do alto mar Atlantico, que julga immovel, e por isso mesmo innavegaval.

Lactancio, que é do 4.º seculo, diz, que no seu tempo os marinheiros não navegavam no mar Atlantico, além dos limites assignados pelos antigos, e

este testemunho de um escriptor sisudo e de boa nota, e para nós a expressão integral da ignorancia, que até elle se tinha radicado a respeito da impossibilidade de se navegar no alto mar occidental, deixando-nos entrever, que tudo quanto se dizia além dos

conhecimentos geraes positivos que d'elle havia, não passava de fabulas e invenções maravilhosas.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.



O CACÁO.

(*Theobroma Cacao.*)

QUANDO os hespanhoes conquistaram o Mexico encontraram ali uma arvore, denominada na lingua do paiz, *Quahuill*. Os mexicanos preparavam com a amendoa encerrada no fructo do *Quahuill* um manjar, que os hespanhoes muito apreciavam, e cujo uso introduziram na Europa, onde conservou o nome mexicano de *chocolatl*; nós modificámos-lhe apenas a pronunciação, supprimindo o *l* da ultima syllaba. Os vocabulos *cacáo* e *cacaoeiro*, pertencem, como a palavra *chocolate*, á lingua azteque ou mexicana. Os botanicos puzeram á arvore que produz o cacáo o nome de *Theobroma*, que significa *manjar dos deuses*.

O cacaoeiro cresce sem cultura em todos os terrenos sombrios, frescos e ferteis do novo mundo: cultivase tambem em grande escala na maior parte das colonias europeas das regiões intertropicaes. A arvore chega de ordinario á altura de 7 a 8 metros, e raras vezes á de 10 metros. Procura as margens dos rios, e os sitios sombrios. Nas grandes plantações, (de que se tirará bom partido, se os cacaoeiros puderem ser abundantemente regados, e o solo fór fértil), deve haver o cuidado de plantar de espaço a espaço grandes bananeiras e *Erythrina*, para protegerem os cacaoeiros com a sombra de que elles tanto carecem.

O cacaoeiro está perfeito aos sete ou oito annos; os fructos assemelham-se pela fórma a uma cidra, e pelo volume a um pequeno melão. Não amadurecem ao mesmo tempo; julga-se que a sua maturidade está completa quando assumem uma cor amarella uniforme, conservando verde apenas a extremidade terminal. A medida que se vão apanhando os fructos, abrem-se para lhes extrahir as amendoas, que tomam primeiro uma cor vermelha escura, depois pardo clara, que o cacáo conserva quando está bem secco.

Considera-se melhor o cacáo que se colhe na provincia de Caracas, e por isso no commercio se lhe chama *cacáo caraca*. O cacáo, qualquer que seja a sua proveniencia, é sempre produzido por uma só e mesma especie de cacaoeiro. As differenças mui sensiveis que se observam na qualidade do cacáo do commercio provém unicamente do maior ou menor cuidado que tenha havido com a amendoa.

O cacáo das colonias, onde o cacaoeiro é cultivado com disvello, e onde os seus fructos são colhidos com toda a cautella para que a amendoa não perca alguma das suas preciosas propriedades, é dado no commercio sob o nome de *caraca*; e póde, sem fraude, assim dizer-se, porque possui realmente todas as suas qualidades. O chocolate, mesmo preparado com o cacáo commum e assucar inferior, constitue um alimento sadio e economico, cujo consumo augmenta de anno para anno. O oleo concreto do cacáo, extrahido em fórma de pranchinhas semelhantes a cêra pela sua consistencia, tem o nome de *manteiga de cacáo*. É uma substancia sempre cara, e que n'outro tempo foi muito usada em medicina.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

1772 e 1696. — *A praça de Bissau.* — *O Pegiquiti, e as Bajudes.* — *A feira.* — *O fancaz, e a bestialidade.* — *Os mancebos e os valentões.* — *O ilheu do Rei a vista de passaro.* — *O porto de Bandim, as canhoneiras, e o brigue-escuna Faro.*

III.

Como ponto commercial. A sua proximidade da ilha de Bissau, e dos paizes Bissago, Balanta, Biafare e

Corobal torna-o muito proprio para um deposito geral, tanto das mercadorias importadas, que se destinam ao resgate do interior, como dos artigos que se recebem em troca, e que se destinam para a exportação; o que se torna tanto mais facil, porque ha ali muito menos estorvos para o embarque, e desembarque de generos, do que em Bissau. Por este systema, a alfandega devia vir estabelecer-se n'este ilheu, ficando apenas uma estação, ou posto fiscal, na aldeia de Bissau.

Como estabelecimento militar. O ilheu do Rei domina e fecha completamente a embocadura, ou barra do sul do rio de Geba, por isso que os navios têm de approximar-se d'elle para seguirem o canal, e fugirem dos baixos, que das margens do paiz dos beafares se estendem em declive suave e muito mais de ametade da distancia, que separa este ilheu da terra firme; igualmente domina e protege o fundeadoiro de Bissau, ou a barra do norte do mesmo rio de Geba, e a do Corobal. Seria por tanto muito conveniente, e direi mesmo, é necessario construir d'este lado um reducto, guarnecido de quatro ou seis bocas de fogo, cujos fogos possam cruzar com os da praça, e que seja defendido por uns trinta soldados; esta obra exige que se faça uma flexa, fexada na gola por uma palissada, para ter no seu angulo saliente uma boca de fogo a barbete. O reducto construido no sitio do Páu da Bandeira, e a flexa do lado opposto, ao sul, na ponta obtusa que cobre o porto Nozolini.

Este estabelecimento commercial e militar, não só me parece que ha de ser muito vantajoso aos commerciantes, que ficarão por meio d'elle a coberto das extorções dos regulos, e das rapinas de seus dignos vassallos, mas ha de forçosamente influir nas rendas publicas, por ser mais facil e mais efficaç a vigilancia da auctoridade fiscal para uma arrecadação mais regular e mais exacta dos direitos da alfandega, do que aquella que até aqui tem havido; e estou ainda convencido de que dará um outro resultado, que fará uma revolução completa no systema de administração em toda a provincia.

Taes são as idéas que em mim suscitou o aspecto d'este ilheu, e a descripção que d'elle me fazia o meu hospede, auxiliada pelo que os meus olhos avistavam á proporção que se me iam indicando os pontos da fronteira terra firme, onde os inglezes e francezes vão mercadejar, e onde têm já feitorias. de que os portuguezes são caixeiros. . . Fallei-lhe d'ellas, desenvolvei-lhe, como lembranças apenas surgidas, e de cuja efficaçia sou o primeiro a duvidar, o plano que ali mesmo tinha formado; e vi que elle se oppunha com todo o calor; deixei-o proseguir sem lhe responder: apenas de vez em quando me escapava um sorriso de incredulidade, que não tardei em perceber que produzia n'elle um certo pavor. Foi depois de ter exgotado todos os seus recursos, que lhe fiz algumas reflexões, mostrando-lhe que tinha caído em grosseiras contradicções, e pelo embaraço em que o vi, mais me confirmei na opinião em que estava de que o meu plano era bom. O que ao principio não passava de um passeio da imaginação, tomou a consistencia de uma theoria que me propuz examinar com vagar e madureza; mas guardei-me de lh'o deixar presentir, receiando que me prevenisse. Usei de dissimulação para contraminar por um engano innocente um outro de que muito me arreceiava, e que não o era.

Eu confesso que estive n'uma continua desconfiança a respeito d'estes senhores de Bissau; quasi sempre sómente acreditava o contrario do que elles me diziam. Tinha ha muito percebido que, occupados do desejo de ganharem dinheiro o mais depressa pos-

sivel, acontecia-lhes frequentes vezes esquecerem-se de que eram portuguezes, provavelmente porque tinham todas as suas attengões postas no seu borrador, e nas facturas dos seus correspondentes. Quando alguns dias depois fui ao ilheu, e que o visitei nas suas duas margens, mais me agarrei á minha idéa.

Uma só cousa havia, que me parecesse ponderavel, nas objecções que me foram feitas. Sem a occupação de Bandim, diziam-me, tudo são sonhos. E n'essa parte sou, e fui logo, da mesma opinião até certo ponto. Infelizmente não tive a fortuna de a fazer aceitar completamente senão dous annos mais tarde.

Não ha duvida de que, sem a occupação de Bandim, não é possivel realisar-se a concentraçã do commercio de Bissau, e rios do interior debaixo da bandeira portugueza; e por conseguinte uma boa parte do meu plano caía por terra. Este porto está sendo um verdadeiro valhacouto de descaminhos, onde vão fundear os navios estrangeiros para negociarem directamente com os negros, ou largarem alguma parte da carga vendida aos negociantes de Bissau; e até aqui vem as pequenas embarcações d'estes, para se eximirem ao pagamento dos direitos.

Esta idéa da occupação de Bandim pareceu algum tanto extravagante, apesar de se ter esposado em todas as suas partes a da defeza do ilheu do Rei. É por isso, com quanto eu sentisse muito ver que não podia fazer aceitar o meu plano em toda a sua extensão, não me pareceu que devesse abandonal-o, porque me animava a esperança de que necessariamente se havia de recorrer a elle em toda a sua integridade, assim que se começasse a pôr em execução essa parte, que fôra adoptada.

Não é porém o ilheu que eu queria occupar. A frustrada tentativa do misanthropo francez não era de natureza a convidar-me para que eu tentasse imital-o, e dar apoz elle um passo, que, parecendo fortalecer-nos, pelo contrario nos enfraqueceria muito, pondo uma porção de soldados na dependencia dos negros logo que houvesse uma guerra; porque como o ilheu não tem agua, haviam de recebê-la de fóra; e bastava que os negros quizessem interceptal-a com as suas canoas, para que a guarnição do ilheu tivesse de render-se á discipção. Ora, quando isto acontecer uma vez, está perdida a nossa força moral, e não tardará que sejamos vencidos e humilhados.

O que eu queria era que se construísse uma casa forte á entrada do porto de Bandim, onde se collocasse uma estação fiscal, protegida por uma guarnição militar, e algumas bocas de fogo. O que não só era bastante para pôr cõbro ao abuso dos estrangeiros, e ao proceder indigno dos nacionaes, a que já me referi; mas era um meio de obstar a alguma pretensão, mais bem combinada, para a occupação e fortificação do ilheu fronteiro. Este porto de Bandim está situado a menos de uma legua de distancia da praça de Bissau; se outra nação estivesse de posse d'esta fortaleza já Bandim estaria ha muitos annos occupado: mas nós desprezamos tudo.

Em 1846 o governador de Bissau, o sr. J. A. Alpoim, a convite meu, feito n'uma carta particular que lhe dirigi, comprou ao rei de Bandim um pedaço de chão no sitio que lhe pareceu mais proprio para o fim que eu lhe indicára, e que elle quiz primeiro examinar com os seus proprios olhos. Feita a compra, e pago o preço ajustado, o sr. Alpoim quiz que o seu bolcinho particular supportasse a despeza, e offereceu generosamente este chão ao governo portuguez. Infelizmente a guerra civil, que pouco depois succidiu seus brandões incendiados sobre a nossa patria, não deixou que se prestasse a isto a attenção que merecia; e depois? . . . não sei.

Vendo eu que não podia fazer acceitar a idéa da occupação de Bandim, não esmoreci; tomei um caminho indirecto, que por em quanto havia de produzir quasi os mesmos resultados. O estabelecimento de duas pequenas embarcações armadas em guerra, que não demandassem mais de cinco ou seis palmos de agua, para uma ir fundear em Bandim, em quanto outra cruzasse pelo rio acima e por todos aquelles canaes, aonde vão livremente commerciar os estrangeiros. Estas pequenas embarcações reversariam entre si o serviço. Apresentada sob este aspecto não me custou muito, ou para melhor dizer, não custou nada, fazel-a acceitar; e pelo contrario foi abraçada com a melhor boa vontade. Fez-se por tanto a competente requisição, na qual muito bem me lembra que, depois da explicação do fim para que se pediam estas embarcações, e por consequente da necessidade que havia de que demandassem pouca agua por serem aquelles rios da costa muito espraçados, pouco fundos, e pela maior parte muito gujos de baixios; dizia-se, que essas embarcações poderiam ser canhoneiras (pois talvez não houvesse outras de que lançar mão).

Qual não seria, pois, o meu espanto ao vêr que, muito mais de um anno depois, appareceu na ilha Brava o brigue escuna *Faro*, que ia para ser empregado em Bissau no serviço para que se tinham requisitado duas canhoneiras? Este brigue-escuna ia n'um deploravel estado, fazendo agua por tal modo que o commandante não julgou poder encarregar-se d'uma commissão importante á ilha da Boa Vista por estar a barlavento, e as brizas serem muito fortes: além d'isso demandava quasi tanta agua como uma corveta.

Tal foi a embarcação que julgaram dever mandar para Guiné! inutil por o seu estado, inutil por a muita agua que demandava, inutil ainda porque era só, e ou havia de guardar o ponto de Bandim, ou cruzar pelos rios. Assim se perdia perto de um conto de reis cada anno sem vantagem nenhuma! aquillo que se pedira como um meio de augmentar a receita, e por tanto como um grande beneficio, tinha-se convertido n'um verdadeiro onus, por augmentar a despeza sem concorrer em cousa alguma a bem do augmento da receita. Por honra da minha posição official calei comigo, devorei o meu desgosto; e lá foi para Bissau o brigue-escuna *Faro*, ao qual se destinou o fundeadouro proximo de Bandim; mas que lá fundearam onde bem lhes pareceu, gastando alguns centos de mil réis por anno, e servindo de capa a muitas transacções prejudiciaes ao cofre; até que felizmente as trovoadas do anno seguinte arrojaram-no á praia onde acabou de se desfazer, alliviando por esse modo o estabelecimento de uma sanguesuga, inutil para o bem, mas muito sufficiente para o mal.

Depois fui informado que esta alteração desgraçada procedêra dos conselhos de um official de marinha que, suppondo-se muito sabedor das cousas de Guiné por ter ido a Bissau umas tres ou quatro vezes, e ter-se demorado uns oito dias por junto sem nunca sair de bordo com medo das febres, taxou de louca e de ignorante a requisição, e exigiu que se mandasse um navio grande, que impozesse respeito!...

Quasi sempre acontece que as mais bem combinadas medidas são inutilizadas por estes conselheiros de má morte, que inculcam saber de tudo, e muito de tudo; e que não passam de charlatães, que enganam e compromettem sem dó, nem consciencia os que têm a fraqueza de confiar-se n'elles. É principalmente a esses que o nosso Ultramar deve attribuir todas as suas desgraças, porque entre nós são

perdidas as lições da experiencia; e tal que foi hoje enganado por um, procura amanhã outro que o engane, quando não recorre ao mesmo.

Julho de 1830.

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

III.

As classes medias, saíndo protegidas e estimadas do jugo firme, imposto pelo ministerio do marquez de Pombal em nome da unidade monarchica, tinham ganho terreno todos os dias sem conflicto ou dissensão; a nobreza ferida na cabeça dos Tavoras, e advertida pelos exemplos atrozes da praça de Belem, contentava-se com os restos, ainda valiosos, dos bens, privilegios e isenções, que tirava da corôa; e punha o alvo em disfructar, e não em combater. O reinado tolerante, politicamente, mas devoto, e estacionario na administração, com que a filha de D. José I alluiu a reforma violenta e nada escrupulosa do primeiro ministro de seu pae, adormecêra o espirito, e a auctoridade tanto na côrte como no reino. Não havia por tanto causas fortes para excitar a discussão; nem thema para facções. A paz era profunda. Eis em resumo porque o echo da revolução franceza chegava tão amortecido ao Tejo! Eis porque as innovações decretadas em Paris no meio das phases da lucta, passavam quasi desapercibidas pelos olhos das classes, cujos interesses iravam a tribuna da convenção, e ensanguentavam os campos de batalha!

Portugal estava muito na infancia pelo seu atraso para entrar em communhão de idéas com o resto da Europa. O famoso tratado de Sieyès — «O que é o terceiro braço da nação?» — apenas faria meditar um ou outro pensador. O mais dos subditos, plebeus, fidalgos e padres, ficaria no meio sorriso, concedido ao livro engenhoso, cujas theorias entrem o espirito pelo bello ideal, mas que ao senso pratico nem assusta nem cathequisa. Causa notavel! Agitando-se na Europa os maiores problemas modernos da civilisação e da economia publica, parecia, pela serena e negligente posição dos nossos governos, que os reis e os povos estavam no theatro vendo representar a utopia de Salento! Foi necessaria a invasão e a conquista; a guerra da independencia; e os gritos liberaes de Italia e de Hespanha para a commoção de 1820 accender aquella chamma fugaz, que um passeio de cavalheiros e de militares apagou em poucas horas, a meia jornada de Lisboa. Por isto se pode suppôr o que seriam os pensamentos mais temerarios dos liberaes portuguezes de 1797!

Este esboço foi-nos indispensavel para não se fazer de Bocage uma idéa falsa, tomando-o por um patriota, desses que se formam nos comicios e na pratica das instituções republicanas, ou representativas. Acreditemos, que elle sonhasse com os Pelopidas e os Aristides amigos da sua infancia; e que, pelos retractos de Plutarco e de Nepote, compozesse com elles o typo do perfeito cidadão antigo; mas d'ahi a entender e a preparar a reforma politica á imagem

e similhaça da constituição britannica, ou da renovação franceza, vae uma distancia immensa. Os seus sonetos liberaes do mesmo modo que as suas poesias impias, foram unicamente faiscas momentaneas que a gloria das armas de Bonaparte, e o odio dos frades e dos Tartufos lhe accenderam no estro: se procurassem mais adiante e mais do que isto, encontrariam sempre a musa, mas nunca a reflexiva e severa figura da sciencia dos estados!

Amigo de José de Seabra, e de alguns sabios jurisconsultos da eschola do marquez de Pombal, o auctor da cantata de «Leandro e Hero» colhêra no seu tracto as doutrinas do seculo mais robusto do regimen monarchico, depois de D. João II e D. Manuel. Sebastião José de Carvalho e Mello nas suas opiniões affectava uma certa independencia religiosa, devida á longa residencia no estrangeiro (Londres e Vienna d'Austria) que os jesuitas e os advogados da curia tratavam de heretica, ou pelo menos de mal soante. As ordens monasticas em geral, e as practicas supersticiosas da ignorancia e do beaterio encontraram sempre no conde de Oeiras mais severidade e desamor, do que era de esperar do primeiro ministro de um principe absoluto. Nas relações com a Santa Sé, e na extincção dos padres da Companhia, todos sabem a inteiresa e o desassombro com que sustentou sempre as prerogativas da corôa. Sem professar as theorias dos encyclopedistas a todos os respeitos, collige-se que não lhe foi indifferente a leitura das suas obras.

Os seus admiradores, decaído o protector, conservaram illesa a tradição. Riam-se das abusões e das momices fanaticas armadas á credulidade do vulgo; declamavam contra os frades com argumentos tirados da boa politica e do spectaculo da relaxação da sua disciplina; liam com gosto, ou sem remorso pelo menos, os tratados philosophicos da seita Voltairiana; e nem por isso aboliavam a Inquisição e a censura, ou admittiam a tolerancia das idéas novas, caso algum as ensinasse. Bocage deve collocar-se pois no gremio escolhido e mais illustrado d'estes homens, que seriam muito ousados para o seu tempo, mas que diante dos actos mais simplicios do actual atariam as mãos na cabeça, dando o throno e o altar por irremissivelmente perdidos na melhor boa fé, e com o mais profundo e sincero desalento.

Alexandre de Gusmão (o espirituoso brasileiro amigo de lord Tirowley) e D. Luiz da Cunha, um dos mais instruidos diplomatas que tivemos, já no reinado de D. João V, apontavam os abusos, e indicavam algumas reformas com notavel liberdade de pensamento; porém esta assustal-os-ia a elles proprios, se a vissem reproduzida pela estampa, ou posta em execução por ministros sabios em palavras e decididos em acções!

Eis a explicação da lenidade, que houve no processo civil e ecclesiastico de Elmano, e o motivo porque não se tardou em lhe permittir a saída da sua reclusão das Necessidades, consentindo-se que voltasse aos braços dos seus amigos. Como já observámos, a indole do poeta, excellente quando entregue a si, era facil em recair nos erros, esquecendo até os avisos da adversidade apenas o circumdava a turba dos admiradores, ou o punham os tiros de inimigos atrabiliarios. Desta vez porém a ligão aproveitou-lhe. Não só quebrou a penna, com que escrevera contra a religião e os costumes, como roubou ás distracções e ao desregramento usual algumas horas consagradas ao estudo e ao trabalho. Passado pouco tempo estabeleceu-se em casa propria, e chamou para a sua companhia sua irman D. Maria Francisca, cuja amizade carinhosa foi a consolação das attri-

bulações e dôres dos ultimos mezes da sua vida. A verdade pede que se accrescente, que escravo dos deveres contrahidos na qualidade de chefe de familia, não havia prazer nem diversão, que o seduzisse, em quanto não deixava segura e farta subsistencia áquella irman, que não tinha outro abrigo senão os extremos da sua piedade fraternal. A isso allude na satyra a Macedo, que estava muito longe de poder comparar-se-lhe em virtudes domesticas e em sentimentos generosos.

(*Continua.*)

L. A. REBELLO DA SILVA.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO I.

De como eu me decidi a fazer uma viagem, por não ter em que empregar o tempo. O modo porque levei a effeito esta heroica resolução, e embarquei no Terceiro do Paço. — Chegada ao vapor. — A partida; o almoço. — Companheiros de viagem. — Um inglez que bebia vinho, para não enjoar. — Pasma em que fiquei por não ter saudades de Lisboa, e maneira porque principiei a fazer considerações sobre o estado actual da marinha portugueza, penetrando como desalmado nos domínios da politica. — Recapitulação. — Cincoenta leguas a vapor em trinta e duas horas.

Amontoando cascas de laranja diante de si, e engolindo grossas fatias de queijo, as garrafas de vinho eram despejadas com uma celeridade admiravel. A costura da calça, gemia nos logares mais estreitos, e um dos tres botões do colete acabava de saltar, despedido como uma bala, pela força da compressão. Mestre John, batendo no ventre com ar de plena satisfação, rolava os olhos triumphantemente por sobre a mesa coberta de despojos, descansando-os depois amorosamente no bocado de queijo que ainda restava. De pé, diante do inglez, com os braços cruzados sobre o peito, o despenseiro aterrado, vendo desaparecer tudo com uma rapidez inervel, ora parecia o espectro de Banquo na ceia de Machbeth, ora a estatua de pedra do commendador. Houve momentos em que a sua physionomia me pareceu a de um homem illuminado, brilhando n'ella o desejo de rebentar o gastronomo com um pontape; um instante depois annuviada, as linhas da fronte contrahidas por uma dôr profunda, demonstrava ao vivo a magua que o atormentava, e a lucta que tinha consigo mesmo. Á medida que os pratos da sobremesa foram ficando desertos, o desgraçado ia-se tornando hyrto; batia os dentes, e os braços cruzados, descaiam a olhos vistos. O corpo estremecia com a carga de electricidade que lhe communicava a cholera, e o rosto fulo, cobria-se de luto na proporção da ira.

Estava horrendo. Eu já não sentia o injôo; era talvez o unico, que fazia reparo n'esta scena fertil em situações dramaticas; a minha attenção não podia estar mais presa d'aquelle bello quadro digno dos pinceis de Hogarth.

De repente os braços do mestre despenseiro desencadearam-se violentamente, e appareceram no ar os punhos cerrados. Então estremeci eu tambem. A comedia tinha-se elevado á altura do drama, e receiei que degenerasse em tragedia.

O despenseiro deu um passo para John Street, abriu a bôca para fallar, porém a articulação faltou-lhe, e

apenas soltou um som equívoco, porque participava do rugido de tigre, e do grunhido do porco. O derradeiro bocado de queijo acabava de sumir-se nas largas fauces do seu algoz. Este sem prestar a menor attenção ao que estava fóra da mesa, pegou na ultima garrafa para encher o copo. . . Foi a peripécia final. A garrafa estava despejada; escorreu as outras todas; nem uma lagrima! O despenseiro abaixou os braços desanimado, e mestre John proferiu uma duzia de imprecações, que agora me não lembram, findas as quaes, puchou de um cachimbo e pediu lume. «Aqui não se fuma!» Estrugiu finalmente a voz do seu inimigo, tremula ainda das commoções que sentira.

O inglez, levantou-se vagarosamente, e caminhou com passo grave, direito á escada; ao passar diante de mim, vendo que me sorria para elle, comprimou-me com ar de protecção, e atirou ao chão com um boi de barro vidrado que servia de paliteiro, e que por acaso estava na borda da mesa. Sentindo mais este desastre, o despenseiro perdeu a cabeça e chamou burro ao honrado capitão, que não se dignando de olhar para o mal que tinha causado, nem para quem o desacatava em uma lingua que elle não entendia, subiu magistralmente para o tombadilho.

«Ladrão! Cão! Goloso!» gritava o despenseiro cheio de cholera. «Engoliu meio queijo! e não ha mais nenhum a bordo! se comer assim ao jantar estamos bem aviados! Ainda que pagasse dez moedas de passagem não era bastante, só para o que mette no porão da barriga. Meio queijo! fóra goloso.» Proferindo estas injurias, e calumniando desapiedadamente um passageiro tão socegado e honesto, o pobre guarda dos mantimentos olhava com grande sentimento para os manes do almôço, que a não ser o abençoado inglez ficaria quasi intacto.

Eu, rindo como perdido das iras de um e da serenidade do outro, subi tambem para a tolda, dando parabens á minha boa fortuna por terprehendido uma viagem que me promettia tão variadas situações.

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

O GENIO DA LINGUA PORTUGUEZA.

Em quadra que vae tão garrida de flôres passageiras e de estereis amenidades, formando o romance, por assim dizer, o fundo da litteratura contemporanea; em que o jornal succedeu ao livro, o oitavo ao folio, o artigo ao tratado, é realmente uma novidade vêr destacar d'esse mississipi litterario, proprio a espaiar os olhos descuidados, um escripto serio e consciencioso; um livro a que, não só presidiu o *nonum que prematur in annum* á risca, porém ainda mais.

Referimo-nos ao *Genio da Lingua Portuguesa* do sr. Francisco Evaristo Leoni, obra em que ha mais de dez annos trabalha, e que actualmente se acha concluida, faltando-lhe apenas alguns leves aperfeiçoamentos e a ultima redacção.

A perfeição da linguagem faz parte da gloria nacional, pelo testemunho que dá da civilisação e força intellectual do povo que a falla, disse com tanta verdade um dos maiores philologos portuguezes (1);

(1) O sr. barão de Villa Nova de Fozcôa na sua *Relatagem* da memoria em que o sr. S. Luiz nega ser a lingua portugueza filha da latina.

mas, accrescenta o illustre sabio, quaesquer que sejam os esforços dos escriptores, para darem á lingua toda a perfeição de que é susceptivel, seus trabalhos não poderão ser coroados de feliz successo, se fór desconhecida a sua origem, de que dependem em grande parte o seu genio e estrutura.

Começa pois o livro do Sr. Leoni por determinar a lei da corrupção da lingua latina, d'onde indubitavelmente veiu a portugueza. Estabelecida esta lei, que abre a porta a uma serie infinita de etymologias, passa o auctor a dar-nos a origem de copioso numero de vocabulos que se não encontra em dictionario algum vulgar.

O que sobre tudo releva o merito d'esta obra, é um incalculavel e minucioso trabalho sobre desinencias, estudo que ninguem até hoje havia empreendido, e de prodigioso alcance; porque é essencialmente sobre a origem, valor e significação das mesmas desinencias, que o auctor funda e explica o genio da lingua.

Nas diferentes fórmulas, mais ou menos corrompidas do verbo latino *ago-is*, achou tambem a origem de grande parte das terminações de nossos vocabulos, o que comprova com incontestaveis exemplos, extrahidos, tanto de livros e documentos antigos, como do latim da idade media aonde essencialmente devemos referir o portuguez.

O que o mesmo auctor escreve das preposições é fundado n'um methodo de deducções inteiramente novo, e com o qual facilmente mostra a razão dos diferentes modos de significar das mesmas preposições.

Torna-se finalmente recommendavel esta obra pelo importantissimo numero de observações sobre a lingua, que o sr. Leoni estudou não só nos classicos, senão percorrendo todas as provincias do reino, e particularmente as povoações interiores das ilhas dos Açôres, onde se acha conservada a linguagem quinhentista.

Dando uma pequena idéa desta obra, julgamos ter despertado em todos os amigos das letras patrias o desejo de conhecê-la; e de vêrem com brevidade nas mãos de todos um livro util, que, saído de imprensa portugueza e para portuguezes, é ainda muito interessante para todas as linguas neo-romanas.

LUIZ FÍLIPPE LEITE.

— É um proverbio arabe, que a lingua do mudo vale mais que a do maldizenté. Uma é inoffensiva, outra é terrivel: e quem ha tão privilegiado, que se considere seguro de ser respeitado por ella? Os homens pódem esconder seus thesouros, acautellar suas casas contra as invasões dos salteadores, repellir a força com a força, subtrahir-se ao punhal do assassino por uma acertada prevenção, por uma bem dirigida coragem, ou pela fuga: mas contra os tiros da maledicencia não valem nem a mais incontestavel probidade, nem as mais cautelosas providencias, nem a força, nem a coragem, nem as grandes fortalezas, nem a fuga, ainda que tão veloz ella fosse como o ligeiro vôo das aves.

BASTOS — MEDITAÇÕES.

RECTIFICAÇÕES. — A pag. 114, col. 2.^a, lin. 64, onde está *remonta a cem annos*; lêa-se *remonta a mil annos*: e a pag. 130, col. 2.^a, lin. 4, onde está *Caiancia*; lêa-se *Callancia*.